

TV+

O diretor brasileiro Iberê Carvalho participou da produção *Emergência Radioativa*, série da Netflix que retrata o acidente com césio-137 em Goiânia

Iberê Carvalho, diretor brasileiro, no set de *Emergência radioativa*

FICÇÃO DE UMA TRAGÉDIA REAL

POR MARIANA REGINATO

Emergência radioativa é o novo destaque nacional da Netflix. Na semana de estreia, a minissérie esteve no Top 1 na Netflix Brasil e entrou no Top 10 em mais de 40 países. O brasileiro Iberê Carvalho está por trás do novo sucesso das telinhas, codirigindo com Fernando Coimbra, cineasta responsável por sucessos como *O lobo atrás da porta* e *Os enforcados*. A série revive a tragédia de Goiânia, em 1987, com césio-137, material radioativo que se espalhou pela cidade.

Fernando se interessou pelo trabalho de Iberê após assistir a seu longa mais recente, *O homem cordial*. Alguns meses depois, o brasileiro já estava inserido no projeto. A codireção foi um processo de muito aprendizado para Iberê. “Às vezes, nós, diretores, ficamos muito isolados e solitários no processo. A gente trabalha com uma equipe enorme, é um processo de muita parceria e

de muito criação conjunta com a equipe, mas a direção em si não é muito partilhada”, comenta. Em *Emergência radioativa*, Fernando Coimbra tomava as decisões principais e Iberê ficava responsável por entender a linguagem desejada e trazer sua contribuição dentro de um parâmetro criativo já pré-definido.

“Foi muito gostoso e um aprendizado enorme, porque as decisões do Fernando foram muito acertadas, então eu estava sempre admirando e aprendendo com ele. Em nenhum momento me senti contrariado de ter que fazer de um jeito do que fazer de outro, foi sempre um processo muito colaborativo mesmo”, ressalta Iberê.

Trabalhar com uma história real exige alguns cuidados na parte da produção. Segundo o diretor, dois pontos eram essenciais para eles nesse processo. “Tinham duas premissas básicas: respeitar os personagens e as pessoas reais, sobretudo as vítimas, e respeitar o público. Tem coisa que vai ser melhor para o público, que vai se envolver, emocionar-se. Faz parte do processo criativo adaptar os tempos e alguns acontecimentos para envolver o público”, explica.

História marcante

A experiência de Iberê como brasileiro impactou seu trabalho na série. “O DF é um quadradinho cercado de Goiás, e eu tinha 11 anos quando isso aconteceu. E eu lembro muito bem dos meus pais comentando e de como eles ficaram assustados. Era pelo olhar de assombro dos meus pais vendo as matérias na TV que eu tive noção da gravidade daquilo. Aquilo realmente me marcou”, conta o diretor. “Por ser de Brasília, acho que foi importante para a produção porque eu trouxe também um olhar de quem sempre visitou Goiânia, sempre estava perto. Essa proximidade foi interessante”, destaca.

Assim que recebeu o convite, Iberê se encantou com o projeto, mas não esperava a repercussão. “Quando a gente começou a trabalhar e eu vi a equipe com quem eu estava trabalhando, eu sabia que era algo especial, mas eu não tinha ideia da repercussão que ia dar. Atualmente, a gente está tendo uma repercussão internacional. É muito impressionante, porque é um assunto também que toca tantas pessoas, e isso gera muito assunto. Eu confesso que já sabia que tinha tudo para ser sucesso, mas não tinha ideia do sucesso que ia ser”, finaliza.